

## **Las manos en la mierda**

Ou fazer justiça a Jaider Esbell

**Rafael Haddock Lobo**

<sup>1\*</sup> UFRJ / outramente@yahoo.com

### **Resumo:**

Esse texto é uma versão revisitada e modificada da apresentação realizada em 23 de novembro de 2021 para o evento de inauguração da Revista *Estudios Posthumanos* (<https://www.estudiosposthumanos.com.ar/>), a convite da amiga Gabriela Balcarce. A apresentação se encontra disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xIK4gSlqD\\_Q&t=42s](https://www.youtube.com/watch?v=xIK4gSlqD_Q&t=42s). O texto escrito busca, contudo, manter a tonalidade afetiva da apresentação oral, já que é um texto escrito para ser escutado e já que é de escuta que, enfim, sempre se trata.

**Palavras-Chave:** descolonização; desconstrução da colonialidade; decolonialidade.

Para Marcelo José Derzi Moraes

---

<sup>1\*</sup> Professor Associado Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ e da UERJ e do PPGBIOS (FIOCRUZ/UERJ/UFF/UFRJ). Rio de Janeiro – RJ / Brasil.

*Andando por entre os becos  
Andando em coletivos  
Ninguém foge ao cheiro sujo  
Da lama da manguetown  
Andando por entre os becos  
Andando em coletivos  
Ninguém foge à vida suja  
Dos dias da manguetown  
— Chico Science*

Buenas noites. Boas noches.

Hablaré e escreverei hoje em portunhol (num terrível portunhol) porque mi português está muriendo.

Meu brasileiro ainda não se firmou o bastante para um dia se tornar pretuguês (conquanto a cada dia lute para perder mi sotaque carioca, de classe mérdia, arrogante e branco como nuestra academia).

Y no tengo contudo español, ni lo de Castilla ni de outro reino qualquer. Pero quería hablar para gente, para la gente, para isso que não é nenhum Nosotros no sentido hegeliano. Quizás hable de un cierto “nóix”, escrito com i e x e con un acento fuerte como se habla en Rio de Janeiro e como me enseña el más grande filósofo brasileño, vindo das periferias, andando pelos becos e ruas, surfando en los trens del subúrbio da Central do Brasil: Marcelo José Derzi Moraes.<sup>2</sup>

Contra o “Nós”, contra el “Nosotros” del Humanismo como de um Hegel, invoco los fantasmas das periferias, de las favelas, de los márgenes de los centros e de los centros de los márgenes, para, com eles, para eles, me somar a essa imensidão espectralada. Sim, esse Nós, esse Espírito, com “e” maiúsculo,

---

<sup>2</sup> Refiro-me diretamente ao texto “A rua é nóix”, de Marcelo José Derzi Moraes, professor da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, São Gonçalo, e do PPGBIOS (Disponível em: [https://www.academia.edu/71504069/A\\_rua\\_%C3%A9\\_n%C3%B3ix\\_marcelo\\_jose\\_derzi\\_moraes](https://www.academia.edu/71504069/A_rua_%C3%A9_n%C3%B3ix_marcelo_jose_derzi_moraes)), mas me inspirei em alguns outros textos que preciso aqui, por honestidade intelectual, amizade e admiração, pontuar: “Becos, ruas marquises e esquinas” (Disponível em: [https://www.academia.edu/43873626/Becos\\_ruas\\_marquises\\_e\\_esquinas\\_Marcelo\\_Jos%C3%A9\\_Derzi\\_Moraes?sm=b](https://www.academia.edu/43873626/Becos_ruas_marquises_e_esquinas_Marcelo_Jos%C3%A9_Derzi_Moraes?sm=b)), “Por uma filosofia dessa coisa de pele” (Disponível em: [https://www.academia.edu/44664266/Por\\_uma\\_filosofia\\_dessa\\_coisa\\_de\\_pele\\_Marcelo\\_Jose\\_Derzi\\_MORAES?sm=b](https://www.academia.edu/44664266/Por_uma_filosofia_dessa_coisa_de_pele_Marcelo_Jose_Derzi_MORAES?sm=b)) e “A escuta por vir” (Disponível em: [https://www.academia.edu/80464465/A\\_escuta\\_por\\_vir\\_Marcelo\\_Jose\\_Derzi\\_Moraes?sm=b](https://www.academia.edu/80464465/A_escuta_por_vir_Marcelo_Jose_Derzi_Moraes?sm=b)). Sem esses textos e sem essa interlocução, não faria nada do que faço hoje.

que universaliza, unifica, identifica, neutraliza, é um rolo compressor que aplasta corpos, que produz a multidão de espectros que não se sustentam em lo concepto de Humano.

Quiero aprender a escuchar esta multitud de voces que gritan y suspiran. Eu tento, mas a filosofía me ensordece, me desensina. Necesito. Necesitamos. Podemos escutar as ruas sem configurar sus sonidos a nuestras orejas filosóficas, tan sordas quanto insensíveis? Esse deveria ser o exercício filosófico daqueles que desejam aprender de fato o que é a desconstrução do humano e da colonialialidade. Aprender com a multidão queer de Preciado e com o “é nóix” de Marcelo Moraes, em que bichas, lésbicas, travestis, pretos, pobres, favelados se juntam para mostrar que o maior imperativo ético de las calles é “tamojunto”.

Pero vamos hacer hermoso, sem repetir los pajeros de la academia, tão preocupados com suas teorías, seja para excluir certos corpos de seus conceitos neutros, seja para incluir estes mesmos corpos em suas teorias decoloniais. Vamos escutá-los, carajo.

Vamos hablar de las Estamiras,<sup>3</sup> esquizofrenizadas pela pobreza, que ganham a vida junto a los perros, urubus, ratos e buitres nos lixões donde tiram lo sustento de sus famílias. Vamos hablar de las travestis llenas de silicone autoinjetado, biônicas, que não podem tomar hormônios porque necessitam de sus pollas para comerem los culos de seus clientes heterossexuais. Vamos hablar de las mujeres que traem seus maridos traficantes e são obrigadas, desnudas en la calle, a chupar las pirocas de caballos. Vamos hablar dos niños de rua, embaixo das marquises de nossos prédios de classe médias, que pagam boquetes nos maridos de buenas famílias para comprarem suas pedras de crack. Vamos hablar de las mujeres do narcotráfico, embarazadas, com un bebé em um braço e um rufle no outro, com o nariz escorrendo de cocaína. Vamos hablar, por favor, da merda que criamos, dos corpos que espectramos, como máquinas

---

<sup>3</sup> O impactante documentário de Marcos Prado, de 2006, em torno da filósofa popular brasileira, paciente psiquiátrica e catadora de lixo Estamira Gomes de Souza, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vBHTfXhOSA8>

coloniais. Vamos botar nuestras manos nessa merda al revés de querer jogá-la sobre los hombros de los otros.

Em uma carta recente, logo após a notícia do encantamento do artista Jaider Esbell, Denilson Baniwa, outro importante artista indígena da etnia Baniwa nos dice “A cobrança de respostas para salvar a arte, a pressão por não falhar em nossa caminhada ou com nossos parentes indígenas, a ininterrupta fome de quem nos vê como uma novidade devorável no mercado, tudo isso que é considerável sucesso e o auge da carreira é um muro que nos cerca e nos tira do que é mais importante: uma vida saudável.”

Teniendo en cuenta nuestros afáns de novidades, precisamos estar atentos com respeito ao sufocamento que exercemos em certas pessoas, exigindo deles, como diz Denilson “estar sempre disponível e sendo obrigado a responder como “descolonizar o mundo”. Como se isso fosse nossa responsabilidade, salvar o mundo sozinhos”.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> A carta integral de Denilson Baniwa está disponível em: <https://site.tucumbrasil.com/carta-por-denilson-baniwa/> e diz o seguinte:

Olá.

Espero que esteja firme mesmo nestes tempos difíceis que passamos. Como deve saber, esta semana fomos surpreendidos pelo encantamento de Jaider Esbell.

Desde que eu e ele nos encontramos neste mundo, vivemos e construímos juntos caminhos que penso que foram importantes para a cena que se nota hoje. Ele foi um amigo a quem eu chamava de maninho, modo carinhoso de chamar irmão na região onde nasci. Como irmão, nos amamos, brigamos, discutimos, brincamos, viajamos juntos pelo calor e frio do mundo, rimos, choramos, “bagunçamos o coreto” como dizem por aqui, ficamos sem nos falar, voltamos a nos falar, trabalhamos, pulamos em muitos rios e mares, concordamos com muita coisa, discordamos de outras muitas coisas, mas em uma coisa erámos incorruptíveis: no desejo de construir uma arte onde pessoas indígenas pudessem ter voz ativa e chances de quem sabe chegar ao topo, lugar onde nunca estivemos antes.

Jaider chegou a esse lugar e o que para os brancos é considerado sucesso (ou a melhor fase de sua carreira, como li em matérias de jornais), para nós dois esse fake-sucesso-branco, foi dia a dia tornando-se um peso. Infelizmente ficou pesado demais para ele, mas poderia ter sido para qualquer um de nós artistas indígenas. A cobrança de respostas para salvar a arte, a pressão por não falhar em nossa caminhada ou com nossos parentes indígenas, a ininterrupta fome de quem nos vê como uma novidade devorável no mercado, tudo isso que é considerável sucesso e o auge da carreira é um muro que nos cerca e nos tira do que é mais importante: uma vida saudável.

No momento em que sentimos as mãos do mundo ocidental nos puxar, eu me retirei para desacelerar e pensar sobre o que estava acontecendo. Primeiro foram as redes sociais, que voltei e revoltei, pois, me ligavam, mandavam mensagens como uma exigência de que era preciso estar online o tempo todo, e pior, disponível o tempo todo. Depois deletei meu número e comprei um número novo de celular só para amigos ou para quem eu quisesse dar atenção. Poucas semanas atrás deletei de novo minhas redes sociais a fim de sair dessa pressão em

Vamos ablar de nuestras mierdas em vez de matar Jaiders, Denilsons, Sandras, Danieis, Ailtons, Davis, Márcias, Elianes e Daiaras, continuando espectrando sus cuerpos, pero, desta vez, santificando, martirizando e pregando sus corpos na cruz do *decolonial*.<sup>5</sup>

---

estar sempre disponível e sendo obrigado a responder como “descolonizar o mundo”. Como se isso fosse nossa responsabilidade, salvar o mundo sozinhos. Como se não fosse uma responsabilidade de todos. Ah, não! Nós somos obrigados a salvar um mundo que nunca nos quis, mas no momento que precisam nos recorrem e exigem que estejamos à disposição. Demorou trinta e dois anos para o mundo me dar atenção, eu sei que muitos dos abraços e beijos hoje, só fazem parte da etiqueta social dos brancos. Antes disso só recebíamos desprezo desse mundo. Mas, esse sangue indígena que guarda rancor, mas ao mesmo tempo quer amar o mundo, nos faz aceitar essa etiqueta branca.

Estive com Jaider a semana passada, conversamos pouco pois nossos e-mails estavam lotados, nossa caixa de mensagem estava lotada, nossos horários estavam lotados. Mesmo todo dia juntos, do café da manhã à hora de dormir, por uma semana inteira conversamos pouco. E nas poucas conversas nossas reclamações eram as mesmas, a vontade de socar a cara da próxima pessoa que nos pedisse uma webreunião. Jaider estava cansado. Eu estou cansado. Nós estamos cansados. O que é postado nas redes sociais não representam o quanto de dor estamos passando diariamente. O Jaider Esbell fora do online não era o postado. O Denilson Baniwa fora do online não é de longe o que vocês veem em lives. Quantas lives eu fiz forçando estar bem para não deixar ninguém preocupado. Quantas lives literalmente eu fiz doente, com febre, com dor. Mas isto não era postado. E eu, e com certeza Jaider não fazemos isso pra agradar branco ou pra ficar famoso, o motivo principalmente era pra construir um caminho para outros indígenas, construir possibilidades para os nossos. Éramos o espelho para quem é indígena ainda sonha em ser artista ou ser qualquer coisa diferente da realidade horrorosa que jovens e crianças indígenas vivem hoje. Nos forçamos a estar disponíveis para um mundo que enquanto baniwa eu acredito: para aqueles que ainda irão nascer. Mas isso pesa.

Deste modo, peço com muito respeito ao Jaider e aos artistas indígenas passados-presentes-futuros que cuidemos que esse caminho aberto por nós nunca seja interdito, nunca deixe o mato cerrar. Que nós, eu e você limpemos o caminho sempre e que num futuro próximo seja mais fácil de caminhar nele. Cuidemos da memória de Jaider Esbell. E principalmente, cuidemos para que seja mais leve o caminhar, o nosso e de outras pessoas.

Pois entendendo que se o sucesso e topo a que tanto lutamos, tem como resultado a tragédia, sinto que preciso pensar ainda mais sobre que tipo de arte indígena eu tenho que construir. E se a recepção que o mundo da arte ocidental nos deu, levou um de nós ao grave fim, preciso pensar ainda mais em que tipo de relação quero manter com a arte ocidental. Eu vou desacelerar ainda mais, até o ponto que seja um cooper e não um triathlon. Meu trabalho continuará em honra de Jaider Esbell, assim como era em memória de tantos outros parentes indígenas antes de mim. Se é pela arte que resistiremos, vai ser pela arte. Mas da minha parte ela não será para satisfazer a fome de nenhum glutão da arte.

Com carinho e admiração.

Denilson Baniwa.

<sup>5</sup> O texto original se encerrava aqui. Estas palavras, que se seguem, são escritas após uma experimentação artístico-filosófica que fiz com a Elisa de Magalhães, amiga querida, artista visual e professora da Escola de Belas Artes e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ. O vídeo “Descolônia”, com imagens de Elisa de Magalhães, fotos de Wilton Montenegro e texto meu (Disponível em: <https://vimeo.com/723139352>), responde a essas questões a partir das imagens da cela de Bispo do Rosário na Colônia Juliano Moreira e faz parte de uma destrilogia dessa parceria entre mim e Elisa (incluindo o Destempo (<https://player.vimeo.com/video/390314332>) e o Des-terra (<https://vimeo.com/688640337>), num jogo de tempos, terras e travessias que mostram os fantasmas da colonialidade).

Diante dessa porrada que Denilson nos dá, eu no sé como mis colegas en los departamentos de filosofía de todo el país no se avergüenzan de ostentar hipócrita ou ingenuamente o título de decoloniais. Especialmente aquellos que, en su mayoría, sempre foram contra as cotas étnico-raciais nas universidades e nas pós-graduações, os que gabam-se de sus lecturas, antes alemán, francés e inglés y ahora español, aqueles que não querem mais perder alunos pois seus acentos filosóficos no hablan los idiomas del mundo, aqueles que apenas colocam pequenas notas de rodapé em seus textos com mbembes e butlers solo para garantizar certa falsa democraticidad de vanguardia e aqueles que riam há poucos anos, de tudo que era não-ocidental. Vão se fuder!

E ainda – ah, todavía – importam um conceito gestado no âmbito de uma outra marca da colonialidade, muito bem pensada e amadurecida pelos nossos hermanos, pero pensada y madurada dentro de sus contextos culturales y lingüísticos, sin el menor reflejo de lo que seria la nuestra producción contracolonizadora, como escreve Nego Bispo ou, mesmo antes (pois o termo contracolonial já aparece em *Novo mundo nos trópicos*, de 1959), Gilberto Freyre. Esquecem, también, de modo quase-colonizado, mas agora pelo idioma irmão do português que, em nossa língua, no tiene sentido usar el prefijo *de-*, e que, si la gestación decolonial es una actitud contra la colonización española en territorios americanos, nossa *descolonização* seria a resposta à nossa maneira à colonização portuguesa em nossas bandas.

Contudo, ainda prefiro, ni decolonial ni contracolonial, persistir asumiendo mis huellas y herencias e empreendendo a batalha de “desconstrução da colonialidade” como tão bem defende Marcelo Moraes em seu livro *Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade* (2021).

Coloquemos nossas manos en la merda, por favor, os romantizadores del encantamiento, los que creen que só se produz encanto en los montes, en los bosques e à beira das fogueiras e que nos lixões, en los trenes atestados, nos trens lotados, no meio do tiroteio no se produce ningún pensamiento ni encantamiento. Deja de mistificar, deja de fetichizar, de querer embelezar todo

lo que tus ojos no pueden suportar e achar que só o belo tem sua dignidad filosófica. Vão se fuder!

Que Exu do Lodo emergja lleno de algas podridas e fedorentas, ouvindo urubus e cangrejos saludando a Chico Science, e que toda la nación de zumbis, com seus ananauês y paranauês, foda com a beleza, as bellas-artes e a bella-filosofia e suas notas-al-pié bem ou mal intencionadas, y que la pluma de Jaider estoure seus miolos assépticos, higiênicos, esparciendo su sangre por todas tus hojas de papel e mostrando seus cus cheios de merda.

En el final, entre os coloniais e os decoloniais, parece que todos escondem as badalhocas penduradas en sus culos.

No soy colonial. Pero no soy decolonial. Odeio toda e qualquer colonialidade, mesmo as que amo. No escribo para limpiar minha bunda nem minha consciência.

Escribo con las manos sucias de mierda, de sangre e de sudor de otros, luto contra minha ancestralidade sim, porque no es a todos los antepassados que debo decir "si", meu sobrenome me marca, mas quero poder remarcá-lo, sin la culpa blanca ni las falsas alianzas que definen nuestro tiempo.

Quero afectos, de todo tipo, quiero esses laços na pele, lo quiero todo en la piel e que eu, com eles, marque mi escritura y el mundo que, como Santo Antonio Pequeño, me rodeia.

Só isso.

Qué viva Jaider!

Y la musica sigue baixando, aos pouquinhos, com mi voz cantarolando, *humming*, una canción à beira do mangue...

*Seu manto é suas asas...*

A água de colônia, que escorre pelas brechas das paredes de cimento, encanta o Bispo.

O Bispo, que cata os cacos dos destroços nas encruzadas, ostenta o Rosário. Pendido em seu pescoço, cada conta canta um ponto, e em cada canto, um conto que, pedra por pedra, miudeza por miudeza, vai fazendo florescer no solo úmido, um acontecimento.

*(seu manto é suas asas...)*

Os restos deixados nas esquinas, com o carinho das oferendas, depois chutados pela máquina colonial de moer, são catados com aquele mesmo carinho de quando foram ofertados.

*(a sua capa é o manto da caridade...)*

Cada pedacinho deles que estampa o Manto Episcopal de Vossa Excelência Reverendíssima da Des-colônia, ventam ventos que sopram pra longe o desencanto e fazendo daquelas paredes seu reino encantado.

*(a sua capa é o manto da caridade...)*

Cada caquinho é um estranho espelho que descarrega a colônia ao mostrar sua imagem invertida, a impotência de seu poder, a desrazão em sua razão, a brutalidade em sua boa-educação, a feiura em sua bela-arte, a loucura em sua grande filosofia.

*(sua capa cobre tudo, só não cobre a falsidade..)*

O manto azul da padroeira se enche de brilhos, de rastros, de poeira (ê puerê, ê puerá...)

e se alarga no avesso da colônia, cobre todo tiquinho de merda que nem a colônia nem a decolônia querem ver.

Cegas, colônia e decolônia andam juntas mostrando suas belezas, suas salvações, seus fetiches.

Enquanto cachorros, ratos, humanos e urubus, todos pessoas, estão aqui, com seus mantos sagrados, diante de nós, descolonizando a vida.

Da lama ao caos, do caos à lama, vão desorganizando pra gente se organizar.

Des-colônia é destempo e desterra, desmascara e descarrega, desordena, descentra, desalinha, desnorteia, desorienta, desacata, descaceta, despiroca e descaralha.

(Texto do vídeo Descolônia)